

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 31 No. 2 2018

ESPECIAL: ARQUEOLOGIA DA INFÂNCIA

ARTIGO

## QUANDO A MORTE VEM CEDO: UMA ANÁLISE DE ENTERRAMENTOS INFANTIS NA IDADE DO FERRO BRETÃ

**Pedro Vieira da Silva Peixoto\***

### RESUMO

A arqueologia da infância continua amplamente marginalizada para o estudo da Idade do Ferro bretã. Este artigo busca reparar tal situação discutindo como um conjunto de diferenças sociais e noções particulares identitárias foram projetadas nos enterramentos de crianças encontradas em East Yorkshire, uma região famosa por seus extensos cemitérios que abrigam inúmeras inumações. Tanto a morfologia dos enterramentos, como também dados artefactuais e bioarqueológicos são levados em consideração. A discussão apresenta uma (re)avaliação crítica dos dados arqueológicos disponíveis para o estudo de crianças em Yorkshire durante a Idade do Ferro, destacando a possibilidade de uma distinção interna sutil dentro do grupo infantil, por volta da idade de 6 anos.

**Palavras-chave:** Idade do Ferro; East Yorkshire; Arqueologia da Infância.

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, PPGHC. Contato: [peixotopvs@gmail.com](mailto:peixotopvs@gmail.com), Largo de São Francisco, nº 1, LHIA, sala 211 A - Centro, Rio de Janeiro, RJ - CEP: 20051070. Esta pesquisa foi inicialmente desenvolvida na Universidade de Manchester (Reino Unido) e na Universidade Federal Fluminense, graças ao apoio concedido pelo CNPq durante os anos de 2014-18.

## WHEN DEATH COMES EARLY: AN ANALYSIS OF CHILDREN'S BURIALS FROM IRON AGE BRITAIN

---

### ABSTRACT

The archaeology of childhood remains largely unexplored in the study of the British Iron Age. This paper aims to redress that issue, discussing how a set of social differences and particular notions of identity were projected onto the children's burials found in East Yorkshire, a region famous for its extensive inhumation cemeteries. Grave morphology, artefactual and bioarchaeological data are all taken into consideration. The discussion presents a critical (re)assessment of the available archaeological data for the study of children in Iron Age Yorkshire, highlighting the possibility of a subtle internal distinction occurring at around 6 years of age.

**Keywords:** Iron Age; East Yorkshire; Archaeology of Childhood.

## CUANDO LA MUERTE VIENE TEMPRANO: UN ANÁLISIS DE ENTERRAMIENTOS INFANTILES EN LA EDAD DEL HIERRO BRETÁN

---

### RESUMEN

La arqueología de la infancia sigue siendo ampliamente marginada para el estudio de la Edad del Hierro bretán. Este artículo busca reparar tal situación discutiendo cómo un conjunto de diferencias sociales y nociones particulares identitarias fueron proyectadas en los enterramientos de niños encontrados en East Yorkshire, una región famosa por sus extensos cementerios que albergan innumerables inhumaciones. Tanto la morfología de los enterramientos, como también datos bioarqueológicos y de artefactos son tenidos en cuenta. La discusión presenta una (re) evaluación crítica de los datos arqueológicos disponibles para el estudio de niños en Yorkshire durante la Edad del Hierro, destacando la posibilidad de una distinción interna sutil dentro del grupo infantil, hacia la edad de 6 años.

**Palabras clave:** Edad del Hierro; East Yorkshire; Arqueología de la Infancia.

## INTRODUÇÃO: UM HISTÓRICO DE SILÊNCIOS

A Idade do Ferro bretã era um período sem crianças. Ou ao menos essa é a conclusão a que se chegaria, caso nos baseássemos apenas na historiografia para conhecermos melhor o período, não levando em conta os vestígios que dele chegaram até nós.

Um simples exercício de levantamento bibliográfico indica-nos, sintomaticamente, um histórico de silêncios. Alguns dos principais estudos, manuais e obras de referência amplamente divulgados e consumidos sobre a Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas e na Europa, falham em desenvolver uma reflexão crítica mínima a respeito da concepção de infância, dos lugares ocupados por crianças em tais sociedades ou, sequer, uma referência à existência de crianças (BRADLEY, 2007; CHADWICK, 1997; CUNLIFFE, 1997, 2003, 2013; HUBERT, 2013; JAMES, 1999; KRUTA, 1989; LE ROUX & GUYONVARCH, 1999; MAIER, 2003; PIGGOTT, 1970; POWELL, 2000; WELLS, 2001)<sup>1</sup>. Mesmo extensas publicações com mais de 800 páginas, como é o caso daquela editada por Green (1996), salvo algumas menções isoladas (CHAMPION, 1996: 88–90; JEREM, 1996: 591; LLOYD-MORGAN, 1996: 111; RANKIN, 1996: 24; WAIT, 1996: 498), não conta com qualquer discussão elaborada sobre as crianças na Idade do Ferro – nem ao menos para alertar que a noção de “crianças” e “infância”, tal como as definimos e entendemos na atualidade, talvez nunca tenham existido nas sociedades discutidas.

O que aprendemos, nesse sentido, é quase sempre o mesmo e reflete a pobreza de nossas ideias a respeito do tema. Isto é, de que, na Idade do Ferro, crianças e mulheres seguiam (como espectadores em carroças) os homens na guerra; de que, em determinado ponto de suas vidas, os mais jovens serviam comidas e bebidas aos adultos em banquetes; de que, desde pequenos, indivíduos eram submersos nas frias águas de rios ou encorajados a andar sem agasalhos, a fim de se acostumarem com o frio e de que a visão em público de um pai com seus filhos, antes destes atingirem certa maioridade, era algo considerado vergonhoso e a ser evitado (CUNLIFFE, 1997: 84, 109, 255; HÓGÁIN, 2002: 18, 21; JAMES, 2005: 53, 71). Todos esses estereótipos têm origens em discursos antigos sobre os ‘celtas’ (e.g., ARISTOTELES, *Ética a Nicomaco*, 1336a; CÉSAR, *De Bello Gallico*, VI, 18.3) e pouco (ou nenhum) embasamento arqueológico – embora frequentemente sejam mencionados em livros de arqueologia.

Acrescida à transposição de valores antigos, há também uma transposição de percepções modernas. Os achados arqueológicos relativos aos indivíduos não adultos costumam receber pouca ou nenhuma atenção problematizada: as crianças na Idade do Ferro são tidas automaticamente como parte do domínio feminino sob responsabilidade da mãe (BRUNAU, 2005: 166), e seu lugar por excelência é o da casa junto a “velhos, mulheres e não livres” (CUNLIFFE, 2001: 361). Há um imediatismo de associações nesse sentido. Valores de dependência, inocência e inferioridade são imediatamente associados à infância, e nessa equação acrescenta-se um conjunto de noções anacrônicas de família, individualidade, responsabilidades e valores de gênero. O resultado de tal transposição se faz sentir da pior forma, tal como Baxter (2008: 161) nos alerta: ideias e hipóteses são formuladas a fim de explicar determinadas realidades materiais do passado, mas partem, quase sempre, do princípio de que ser criança é algo que faz parte de um ciclo natural e uma experiência universal compartilhada.

---

<sup>1</sup> Foram mencionadas apenas obras que buscam discutir aspectos gerais e sociais da história e arqueologia das sociedades da Idade do Ferro ditas ‘celtas’. Isto é, obras nas quais seria razoável esperar uma discussão de certos aspectos de funcionamento social, como o tratamento dado às crianças em determinados contextos arqueológicos/históricos. A lista seria consideravelmente maior caso fossem também incluídos aí livros sobre “arte celta” ou sobre o debate em relação às possíveis etnogêneses “celtas” (CUNLIFFE & KOCH, 2012).

O debate iniciado no seio da historiografia francesa há mais de 50 anos, em grande parte graças ao trabalho seminal de Philippe Ariès ([1960]1981) – cujo maior mérito foi chamar a atenção para como a noção de infância é dotada de historicidade, e o que entendemos por ‘criança’ é algo cultural e historicamente construído e condicionado ao longo dos tempos (ARIÈS, 1981) – parece, meio século depois, ainda não ter chegado, em grande escala, ao estudo da Idade do Ferro. Curiosamente, nem mesmo as discussões iniciadas dentro da própria Arqueologia anglófona foram absorvidas nesse sentido. Isso, apesar de desde o final da década de 80, graças ao debate levantado por Grete Lillehammer (1989), tenha se tornado evidente que crianças costumam ser amplamente ignoradas enquanto agentes dignos de investigação arqueológica, mesmo quando possuímos uma série de evidências materiais com enorme potencial para seu estudo (LILLEHAMMER, 1989: 90; COŞKUNSU, 2016a).

Cabe-nos, portanto, em um exercício de reflexão necessário, tal como Hirschfeld (2002), perguntarmo-nos: por que não gostamos das crianças; por que as ignoramos de tal modo? Güner Coşkunsu (2016b), recentemente, listou seis principais motivos por que crianças têm sido negligenciadas especificamente no estudo arqueológico da Antiguidade e da Pré-história, a saber: (1) a ideia equivocada e compartilhada por muitos pesquisadores de que há uma intangibilidade no estudo da infância a partir dos registros arqueológicos e, conseqüentemente, o pressuposto de que há uma escassez de evidências nesse sentido; (2) a prevalência de um entendimento teórico que ignora as crianças na medida em que as considera como indivíduos de pouca importância em termos socioeconômicos; (3) a reprodução e aceitação de uma visão estereotipada/universal sobre a infância; (4) um conjunto de pré-conceitos de gênero; (5) um conjunto de pré-conceitos culturais; e, por fim, (6) a falta de colaborações interdisciplinares para a investigação desse tema (COŞKUNSU, 2016b: 4).

Em termos dos estudos da cultura material, encontramos-nos, assim, diante de um cenário ambíguo. Por um lado, nos dias atuais, testemunhamos um crescimento e um alargamento (sobretudo teórico) dos estudos das crianças em contextos passados de uma maneira crítica e problematizada; estudos esses que rompem com noções universalistas e defendem a ideia de que a infância é uma construção social, histórica e cultural moldada a partir de certas ontologias específicas e de experiências (sociais e materiais) distintas (BAXTER, 2005, 2008; COHEN, 2007; COŞKUNSU, 2016a; KAMP, 2001; SOFAER-DEREVENSKI, 1994, 1997, 2000). Por outro lado, encontramos ainda sociedades e períodos da História humana nos quais tais reflexões são ainda apenas marginalmente aplicadas, ou, por vezes, inexistentes.

Materiais de estudo, contudo, existem. Ainda que em números reduzidos, a Idade do Ferro nos oferece um conjunto de evidências materiais ricas e distintas sobre a presença de grupos subadultos, como lactentes e crianças, nos mais variados contextos arqueológicos: desde inumações ou cremações formais encontradas em cemitérios, a deposições domésticas, em assentamentos, poços e trincheiras, e, até mesmo, a presença de ossadas infantis e de bebês em santuários ou locais de culto (ARMIT, 2012; ARMIT *et al.*, 2011; HARDING, 2016: 120–22; TIBBETTS, 2008). Na Inglaterra, especificamente, uma série de enterramentos de neonatos e crianças foi encontrada em Yorkshire e também em cemitérios do sul bretão, como Suddern Farm, em Hampshire; Gussage All Saints, Dorset e Gravelly Guy, Oxfordshire, apenas para citar alguns dos mais importantes (HARDING, 2016: 41). Tal lista poderia se estender, caso incluíssemos sítios como o de King Harry Lane (Verularium), que data do séc. I d.C.. Ignorar tal parcela da população enterrada seria, assim, um equívoco.

O foco deste artigo está voltado para os enterramentos infantis encontrados em East Yorkshire, já que a região abriga a maior concentração de tumbas já registradas para a

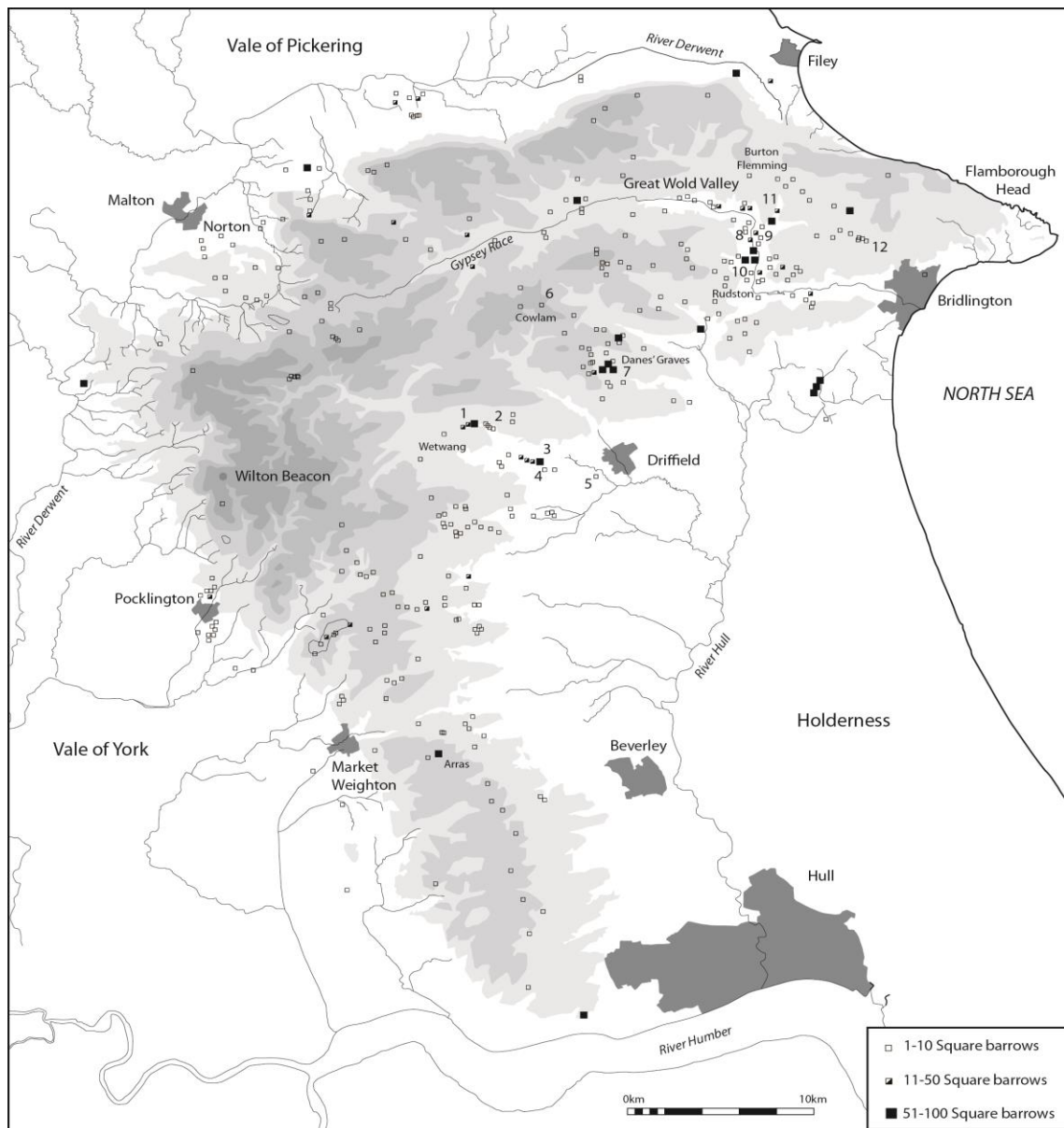
Idade do Ferro bretã. O recorte cronológico privilegia em especial os séculos IV-I a.C., período no qual o rito de inumação se tornou amplamente difundido na região (JAY *et al.*, 2012). Além disso, serão discutidas também quatro inumações infantis que datam excepcionalmente do período de 780-530 a.C., descobertas no sítio de Melton, permitindo desenvolver uma visão mais completa sobre as atitudes relacionadas à morte e às crianças na região ao longo do tempo. Como espero demonstrar, a presença de crianças em contextos mortuários se faz sentir de modo discreto e a partir de uma série de associações interpessoais e de momentos etários específicos. Para isso, é importante observar a interrelação entre diferentes fatores, como idade, mobiliário, arquitetura funerária, localização na paisagem e dados bioarqueológicos, como veremos a seguir.

#### ENTERRAMENTOS INFANTIS EM YORKSHIRE

A presença de tumbas infantis em Yorkshire não se encontra limitada a apenas um sítio ou local específico. Ao contrário, contamos com uma diversidade de casos nesse sentido. Sepulturas de crianças foram descobertas em Danes Graves, Cowlam, Rudston, Burton Fleming, Melton, Wetwang e Garton Slack. É importante observar que tais achados não se tratam, tampouco, de um fenômeno recente, e há, portanto, uma diversidade de trajetórias de escavações de tumbas infantis: um período que se estende desde o final do século XIX, passando pelas décadas da segunda metade do século XX, até, mais recentemente, 2005.

Contamos, assim, com 54 enterramentos infantis – especificamente de indivíduos enterrados com mais de 2 anos e menos de 12. Esse agrupamento etário, aparentemente arbitrário, partiu de uma escolha consciente de pesquisa, ao utilizar um padrão de classificação comumente usado pela historiografia e, mais especificamente, por ser a classificação etária já utilizada no estudo da Idade do Ferro em Yorkshire (STEAD, 1991: 127; GILES, 2012: 94). Ainda que fruto de uma construção intelectual contemporânea, tal agrupamento parece mais adequado do que o utilizado por outros estudos, como o de May (2010: 33), no qual o grupo juvenil tem um alcance demasiadamente grande, incluindo pessoas de 2-19 anos. É importante ressaltar que a adoção de determinado padrão de classificação etária não implica um pressuposto de que essa fosse a concepção de “criança” na Idade do Ferro, ou tampouco que um indivíduo de 3 anos tivesse o mesmo lugar na sociedade que um indivíduo de 8 anos, por exemplo. Demonstrarei mais à frente justamente o oposto: como é possível traçarmos, ainda que sutilmente, certa distinção entre indivíduos que alcançam uma determinada idade e como o grupo “infantil” é mais diverso do que tradicionalmente concebemos.

**Figura 1** - Cemitérios da Idade do Ferro em East Yorkshire. Fonte: GILES, 2012, reproduzido com a permissão da autora. Legendas: 1 Wetwang Slack; 2 Garton Slack; 3 Garton Station; 4 Kirkburn; 5 Eastburn; 6 Cowlam; 7 Danes Graves; 8 Burton Fleming; 9-10 Rudston e Burton Fleming Fleming (Bell Slack); 12 Grindale.



Em termos comparativos 54 enterramentos é um número maior do que a quantidade de tumbas adultas frequentemente encontradas em outras regiões (WHIMSTER, 1981) e resulta, em grande parte, da excepcionalidade arqueológica encontrada em Yorkshire. Certa cautela, entretanto, é necessária. Dentro de uma perspectiva analítica quantitativa, é possível observarmos que essas tumbas na verdade representam apenas uma minoria em termos numéricos. De fato, a proporção de inumações infantis, quando comparada à quantidade de enterramentos encontrados, revela-nos uma realidade particular, como indica a tabela abaixo:

**Tabela 1** - Quantidade e proporção de enterramentos infantis nos sítios discutidos.

Sítio	Enterramentos infantis	Enterramentos <i>in situ</i>	Proporção de enterramentos infantis <i>in situ</i>
Cowlam	1	10	10%
Danes Graves	5	116	4%
Wetwang Slack	35	464	8%
Garton Slack	2	45	4%
Rudston	5	213	2%
Burton Fleming	1	64	2%
Melton	5	21	24%
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>933</b>	<b>6%</b>

Os números são reveladores. Eles não se sustentam nem em termos estatístico-demográficos, com base na população enterrada nos cemitérios em geral, como, tampouco, em termos bioarqueológicos e de mortalidade infantil em sociedades pré-modernas e pré-vacinação (BIDEAU *et al*, 1997; STEAD, 1991: 127; LEWIS, 2007; CAFFELL; HOLST, 2011; LANCY, 2015)<sup>2</sup>. Isso é uma evidência de que (1), em Yorkshire, durante a Idade do Ferro, crianças estão sub-representadas em contextos mortuários, e de que (2) os ritos funerários eram fruto de um conjunto de ações deliberativas e conscientes, e não um mero espelho da realidade (seja ela social ou demográfica).

É preciso lembrar, ainda, como destacam Megaw e Simpson (1979) e Mays (2010), que, em várias sociedades, bebês e crianças costumam ser excluídos em contextos mortuários, tendo sido enterrados fora de cemitérios ou em áreas remotas. Além disso, crianças podem ser também alvo de ritualizações particulares, sendo, por exemplo, cremadas e as cinzas espalhadas, ou até mesmo deixadas expostas ao tempo e à natureza, ou, ainda, depositadas em ambientes aquáticos (MEGAW; SIMPSON, 1979: 406; MAYS, 2010: 32) – procedimentos, esses, que dificultam suas respectivas identificações e criam uma invisibilidade arqueológica. Holck (1995) já demonstrou, arqueologicamente, como cremações e enterramentos infantis deixam significativamente poucas evidências materiais: um fato que permitiu ao autor não apenas constatar que corpos infantis são (ao contrário do que se esperaria) mais difíceis de serem cremados do que os adultos, como também, curiosamente, que os ossos infantis cremados se dissolvem mais rápido no solo, deixando poucos resquícios esqueléticos a serem descobertos.

<sup>2</sup> Só na Antiguidade grega estima-se que a taxa de mortalidade infantil atingia cerca de 25-35 por cento da população infantil apenas nos primeiros anos de vida (GOLDEN, 2015: 83). O número de mortes infantis poderia chegar, inclusive, a alcançar metade da população em determinadas regiões da Europa durante a Idade Média e os séculos XVIII-XIX (LANCY, 2015: 109).

Em Garton Slack, uma parcela reservada a bebês foi encontrada em uma região separada (área 10, cf. BREWSTER, 1980: 301-10), e, talvez, certo procedimento de exclusão ou separação pudesse estar sendo posto em prática nesse caso. No entanto o argumento parece fraco, já que essas inumações não puderam ser datadas e não há como saber se pertenciam de fato à Idade do Ferro ou a outro período<sup>3</sup>. Além disso, tanto crianças como bebês foram encontradas junto a adultos nas tumbas cujas cronologias puderam ser estabelecidas como da Idade do Ferro em Garton, o que parece reforçar que as inumações de neonatos e lactentes encontrados na área isolada datassem, provavelmente, de outro período.

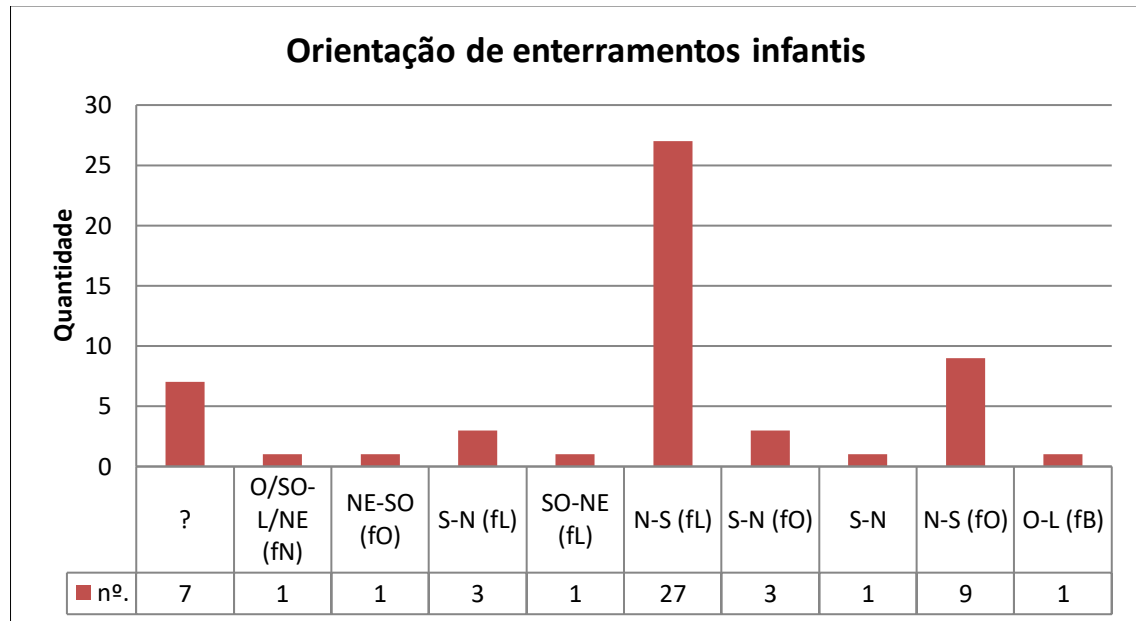
Acredito que uma das explicações mais plausíveis para o número reduzido de enterramentos infantis durante a Idade do Ferro na região estudada seja aquela oferecida por Sheelagh Stead (1991: 127), de que, talvez, uma parcela considerável dos enterramentos infantis tenha sido composta por inserções secundárias em tumbas: isto é, enterramentos colocados no montículo erguido sobre a cova de uma sepultura inicial. Isso, de fato, explicaria o número reduzido de achados, uma vez que a maior parte dos montículos funerários foi nivelada e destruída com o passar dos séculos, devido, em parte, à ação do tempo e da natureza e, além disso, à urbanização e intensificação agrícola moderna (cf. STEAD, 1979: 7 sobre a visibilidade e o desaparecimento de montículos em Arras ao longo dos anos). Essa é a explicação mais plausível de que dispomos. Contudo, ainda assim, é preciso certa cautela, e gostaria de lembrar que nem todas as inumações infantis eram enterramentos secundários: uma parcela significativa delas, na verdade, consiste de tumbas individuais. Retornarei a esse ponto a seguir, ao discutir as tipologias dos enterramentos infantis encontrados.

Em termos de ritualização e arranjo do corpo em contextos funerários, é importante observar certa congruência entre os enterramentos de crianças e de adultos. Esse é um dado que, embora pareça ser de pouca relevância, não deve ser neutralizado. Isso porque crianças poderiam ter sido enterradas junto a adultos, no entanto, em posições ou orientações corpóreas opostas, marcando uma nítida distinção etária entre os mortos. Em Yorkshire, contudo, a maior parte das inumações infantis (n.=45, c. 85%) segue o mesmo eixo de orientação dos demais esqueletos encontrados nos cemitérios locais: isto é, dentro das coordenadas Norte-Sul e suas variantes (S/N; NE/SO etc.), como atesta cerca de 90% da população enterrada (PEIXOTO, 2018). Além disso, tal como a população adulta, a maior parte dos corpos infantis encontra-se voltada para Leste. A tabela a seguir oferece uma síntese analítica de tais disposições:

---

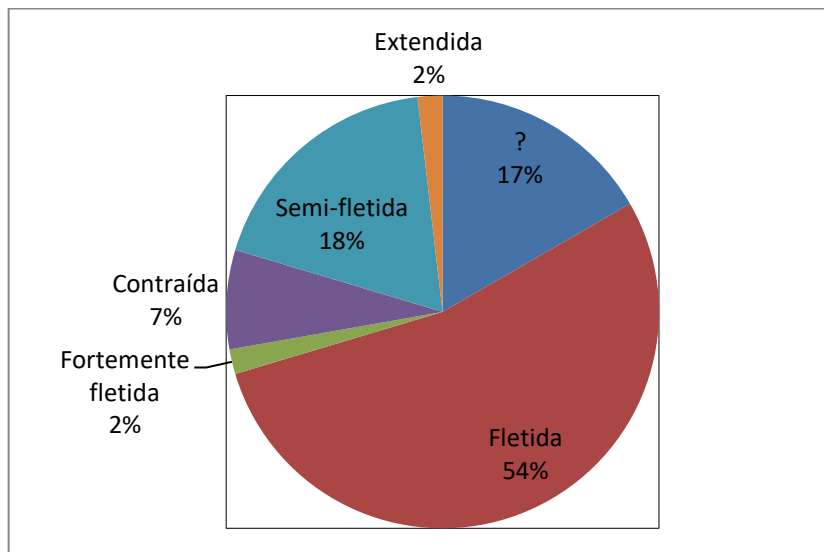
<sup>3</sup> Estratigraficamente, contudo, elas se encontram abaixo do nível romano, o que indica possivelmente apenas uma cronologia a.C., embora certo cuidado seja necessário ao partir de tais pressupostos já que é sabido que tumbas no Continente recentemente escavadas estavam em níveis mistos não correspondendo aos níveis estratigráficos tradicionalmente esperados.

**Gráfico 1** - Orientações expressas a partir do eixo de orientação do corpo (N, norte; S, sul; O, oeste, L, leste) e a direção para qual o esqueleto estava voltado (isto é, face a N; norte, S, sul; L, leste, O, oeste, ou fB, face para baixo).



Há, portanto, uma nítida preferência (50%) pela a posição Norte-Sul face a Leste, seguida pela variação Norte-Sul face a Oeste (17%) e suas respectivas inversões, com a cabeça do esqueleto situada ao Sul (6%). Os dados se mostram, assim, condizentes com o esperado, seguindo um padrão de ritualização semelhante àquele observado em tumbas adultas, nesse tocante onde a maior parte da população (c. 70%) encontra-se dentro do mesmo eixo de orientação e, igualmente, com a face voltada para o Leste (Cf. GILES, 2012; PEIXOTO, 2018).

Uma segunda semelhança entre tumbas adultas e infantis pode ser observada em termos dos cuidados dados aos corpos e às posturas dos esqueletos no interior das covas. Tal como na maioria dos casos encontrados na região, a postura predominante em enterramentos infantis é a fletida (e sua variante, semi-fletida) seguida pela posição contraída. Apenas um caso, encontrado em Melton (M [A4]1183), manifestou certa diferença, revelando uma inumação infantil (de uma criança de 2-4 anos) na postura estendida, em decúbito ventral, isto é, deitada de barriga contra o chão. Embora esse caso seja, aparentemente, sem precedentes, caso contássemos apenas com o conjunto de inumações infantis, ele, no entanto, não se torna destoante dentro de uma perspectiva contextual maior. Isso devido a três fatores: primeiramente por se tratar de um enterramento coletivo, categoria na qual se observa o maior nível de variação em termos de orientações e posições, já que comporta dois ou mais indivíduos dentro de uma mesma cova; em segundo lugar, devido ao fato de que uma parcela significativa da população em Melton fora enterrada em decúbito, e, em terceiro lugar, por se tratar de um enterramento com cronologia da Idade do Ferro inicial (780-530 a.C.), quando se observa, tradicionalmente, uma variação maior de posturas em contextos funerários (FENTON-THOMAS, 2011).

**Gráfico 2** - A postura dos esqueletos em enterramentos infantis.

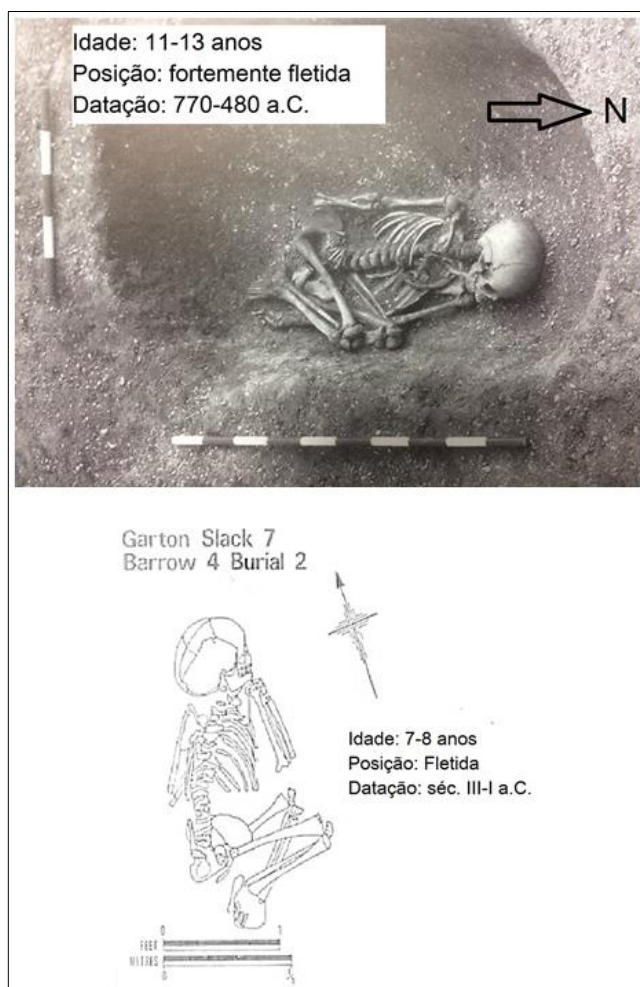
Ainda quanto aos cuidados direcionados aos corpos, acredito ser importante ressaltar que em Wetwang Slack, onde caixões costumam ser encontrados (em parte graças a vestígios mineralizados de madeira), eles não só foram identificados em tumbas adultas, mas, também, em 16 enterramentos infantis (WS25; 74; 140-1; 231-2; 298; 324; 330; 363; 373-4; 381; 387; 396; 443). Não há quaisquer distinções ou proibições sociais/rituais, nesse sentido, e crianças – quando enterradas – podiam, ao que tudo indica, contar com um caixão em morte, de modo semelhante aos adultos.

A localização na paisagem e a espacialidade dos enterramentos infantis refletem o contexto dos sítios nos quais eles foram encontrados. A maior parte das sepulturas são provenientes de extensos cemitérios (como é o caso daquelas encontradas em Danes Graves, Rudston, Burton Fleming e Wetwang Slack), e outra parcela foi encontrada em pequenos cemitérios, como as tumbas escavadas em Cowlam e Melton. Até o presente não há quaisquer registros de enterramentos infantis isolados, isto é, sem outros enterramentos ou estruturas fúnebres nos arredores, como por vezes ocorre com algumas sepulturas de adultos (e.g. enterrados isolados ou em um local de destaque, como o topo de colinas). Em termos tipológicos, ainda que, tradicionalmente, crianças sejam discutidas quase sempre em posições secundárias (como parte de outra tumba, ou enterramentos satélites) (ANTHOONS, 2011: 44; KING, 2010a: 195), essa correlação é equivocada, já que a quantidade de tumbas primárias e secundárias é virtualmente a mesma entre a população infantil enterrada. Tal associação se deve ao fato de enterramentos secundários ainda serem costumeiramente associados a um *status* inferior. Há, portanto, aí, uma equivalência imediata de valores projetados em relação à população não adulta, que, por sua vez, permanece pouco estudada e/ou considerada de menor importância. Além disso, é importante observar que, embora enterramentos com carros tenham se tornados icônicos na região de Yorkshire, nenhuma inumação infantil até o presente foi encontrada em uma tumba desse tipo.

Embora períodos tardios não sejam, aqui, analisados, é importante destacar que, com o passar do tempo (séc. I a.C. – I d.C.), inumações infantis e de lactentes se tornam cada vez mais raras em cemitérios, ou juntas a adultos. É possível observar, nesse sentido, certa mudança de atitudes em relação à ritualização da morte e ao tratamento dado a grupos subadultos na Idade do Ferro tardia, embora algumas continuidades existam, sobretudo, no tocante aos cuidados dados a bebês em contextos mortuários (MILLETT & GOWLAND, 2015). Os períodos subsequentes revelam, assim, uma mudança de

valores e, sobretudo, de espaços funerários: durante a Idade do Ferro tardia e o período romano inicial em Yorkshire, a população não adulta passa a ser encontrada majoritariamente em contextos domésticos, isto é, dentro de construções domésticas ou próxima a elas e no interior de assentamentos (DENT, 1984: 146; MILLETT & GOWLAND, 2015: 180), de modo semelhante ao observado em casas e assentamentos no sul das Ilhas Britânicas.

**Figura 2** - Dois enterramentos infantis da Idade do Ferro em Yorkshire. Fonte: Fenton-Thomas, 2011; Brewster, 1980, com adaptações pelo autor. O primeiro enterramento foi encontrado em Melton e o segundo em Garton Slack. Eles atestam uma longa tradição regional da prática de inumações infantis, e, em ambos os casos, o tratamento funerário dado às crianças é idêntico àquele encontrado entre a população adulta. Ilustrações ou fotos de enterramentos infantis são raras (elas estão ausentes, por exemplo, nos mais de 600 enterramentos registrados por Dent, 1984 e Stead, 1991).



## OSTEOANÁLISE

O estudo dos remanescentes humanos para grupos não adultos é extremamente desafiador. A quantidade de informações de que hoje dispomos sobre as “biografias biológicas” das crianças enterradas na Idade do Ferro é significativamente pequena se comparada aos dados obtidos a partir do estudo dos esqueletos adultos.

Atributos como “sexo” são, quase sempre, impossíveis de serem identificados, por exemplo. De fato, nenhuma das 54 inumações aqui discutidas pode ter seu sexo biológico confirmado, levando-me a considerar esse dado como “não disponível” (N/d.) no banco

de dados da pesquisa. Embora algumas monografias de sítio e catálogos dos achados, como os elaborados por Brewster (1980) e Dent (1984), por vezes mencionem o sexo de ossadas infantis (e.g. WS2; WS74, sendo supostamente do sexo “masculino”), análises recentes mostraram que tais presunções são equivocadas e nenhum dos esqueletos infantis, de fato, pôde ter seu sexo determinado (STEAD, 1991; KING, 2010b), devido ao quase nulo dimorfismo sexual esquelético presente na maior parte da faixa etária estudada. Além disso, por se tratar de uma parcela da população relativamente ignorada, poucos estudos específicos costumam ser realizados exclusivamente com base no material esquelético encontrado. No entanto alguns pontos são dignos de nota, graças aos esforços de pesquisas recentes e o uso de novas tecnologias para análises científicas (como leituras de isótopos).

O sítio de Melton, um dos poucos cemitérios escavados no século atual (FENTON-THOMAS, 2011), revela-nos uma realidade particularmente marcada por adversidades, em termos da qualidade de vida das crianças ali encontradas. É possível identificar privações, em alguns casos, em termos alimentares e no que diz respeito ao acesso a determinados nutrientes. Uma das crianças encontradas em Melton (M1818, 2-3 anos) sofria de escorbuto: uma doença resultada da carência crônica de vitamina C no organismo, que pode se manifestar através de alterações nas gengivas, perda dos dentes, hemorragias, queda de resistência física e propensão a infecções (CAFFELL & HOLST, 2011; AGARWAL *et al.*, 2015). Essa criança era também significativamente pequena para a sua idade, o que reforça seu estado de carência em termos alimentares e de desenvolvimento. De modo semelhante, outra criança (M1183, 2-4 anos) encontrada no mesmo sítio também tinha um corpo relativamente subdesenvolvido e apresentava, ainda, sinais de uma possível inflamação na cavidade nasal direita (sinusite)<sup>4</sup>. Não obstante, o esqueleto de um indivíduo enterrado com 11-13 anos (M2554) revelou um cenário relativamente semelhante ao dos dois indivíduos anteriormente mencionados: nesse caso, um crescimento e desenvolvimento ósseo/muscular atrasado, além do braço esquerdo possivelmente atrofiado ou paralisado e uma infecção crônica (ainda ativa no momento da morte) na mandíbula inferior (FENTON-THOMAS, 2011).

Não seria um exagero, portanto, dizer que o sítio de Melton é particularmente marcado por uma série de deficiências alimentares e outras adversidades das quais as crianças não estavam excluídas. Tais deficiências nutricionais, por vezes, costumam refletir um ambiente de pobreza, guerras, desastres naturais, certo isolamento geográfico ou, ainda, muito provavelmente, longos invernos e más colheitas (CAFFELL & HOLST, 2011: 511). As crianças são, quase sempre, as mais afetadas por tais condições inóspitas. Escavações de outros sítios, como Kirby Grindalythe em North Yorkshire (CAFFELL & HOLST, 2011: 528), nos revelam que deficiências nutricionais em crianças (como o escorbuto) não estavam limitadas a apenas uma localidade específica, mas poderiam ocorrer em diferentes localidades e momentos variados durante a Idade do Ferro.

Os demais sítios aqui discutidos, contudo, parecem revelar uma realidade um pouco melhor. De fato, mazelas e deficiências nutricionais crônicas não foram identificadas no maior e mais extenso cemitério de que dispomos – Wetwang Slack (JAY & RICHARDS, 2006, 2007) – e nenhum dos enterramentos infantis encontrados em outros sítios, além de Melton, apresentam sinais de infecções e subdesenvolvimento infantil (STEAD, 1991; KING, 2010b). É possível, portanto, que essas diferenças sejam cronológicas e reflitam condições de vida distintas: enquanto os casos destacados em Melton datam de 780-530

---

<sup>4</sup> É possível, contudo, que a alteração óssea observada na cavidade em questão possa refletir um estágio de desenvolvimento dental anormal (CAFFELL & HOLST, 2011: 509). De qualquer modo, sinusites foram observadas também em outros indivíduos em Melton, como, por exemplo, a mulher encontrada em M1032.

a.C., a maior parte dos enterramentos aqui discutidos possui uma cronologia em torno do séc. IV-II a.C..

Estudos de isótopos feitos a partir das ossadas encontradas em Wetwang Slack revelaram, curiosamente, um contexto de desmame relativamente cedo durante a Idade do Ferro na região (JAY *et al.*, 2008). Isto é, o processo de amamentação era feito de modo otimizado e reduzido, apenas durante um curto intervalo de tempo. Após esse curto período, o leite materno era substituído por leite de animais e papas à base de vegetais. De fato, já a partir dos 2/2,5 anos de idade, a leitura isotópica encontrada nos esqueletos infantis em Wetwang é praticamente idêntica à da população adulta, indicando que as crianças já estavam, há algum tempo, comendo alimentos com o mesmo valor isotópico dos seus pais (JAY *et al.*, 2008: 336). Em termos sócio-históricos, é importante ressaltar que, embora as condições e a qualidade de vida talvez pudessem ter melhorado na Idade do Ferro Média, se comparadas ao período anterior, o desmame em idade recente está, muitas vezes, associado a um aumento de doenças alérgicas, infecciosas e nutricionais – um fato que, como Kamp (2001: 9–11) e Lancy (2015) demonstram, pode ser evidenciado em diferentes níveis etnográficos e arqueológicos ao redor do mundo. Esse é, portanto, mais um indício de que a quantidade de enterramentos infantis que escavamos não é um reflexo da taxa de mortalidade infantil que existia nessas comunidades.

Por último, gostaria de chamar a atenção para dois fatos. O primeiro é o de que nenhum trauma físico ou sinal de violência pôde ser observado nos esqueletos infantis encontrados em Yorkshire, nem naqueles submetidos a cuidadosas análises osteológicas recentes (KING, 2010b). Isso pode ser um indício de que crianças não seriam normalmente afetadas ou, talvez, seriam mais comumente poupadas em contextos de uso de violência letal<sup>5</sup>. É possível que tal ausência estivesse ainda relacionada a certos cuidados especiais direcionados às crianças até determinada idade: uma característica comum, antropológicamente falando, em sociedades marcadas por altas taxas de mortalidade infantil. Nos vilarejos de Sarwak (Bornéu), por exemplo, crianças recebem uma série de cuidados especiais e nunca são punidas fisicamente até a idade de 4 anos, quando se acredita que sua condição física se torna mais resistente e que elas estão menos propensas à morte (LANCY, 2015: 102). Tais mecanismos específicos pautados em proibições e cuidados particulares são criados a fim de proteger as crianças e permitir que o maior número possível delas atinja a idade adulta. É provável, portanto, que a ausência de traumas violentos (observáveis arqueologicamente) na população infantil em Yorkshire, estivesse relacionada a cuidados semelhantes.

Em segundo lugar acredito ser possível inferir que a maior parte das crianças começava a ajudar seus familiares, desde cedo, em trabalhos manuais e tarefas mais pesadas, levando uma vida não sedentária e não tão diferente assim (em termos de desgastes físicos) dos adultos. Tal constatação pode ser feita além das ossadas infantis, também com base nos esqueletos adultos: a recorrente incidência de osteoartrites, espondilólises, hérnias e uma série de lesões por esforço repetitivo refletem, em muitos casos, uma vida de intensos trabalhos físicos associada à vida agrária e pastoril iniciada desde cedo, como demonstra Giles (2012). É importante lembrar que a infância é, em muitos contextos, um período de aprendizado por excelência: não só de trabalhos e atividades físicas, mas também de normas e valores culturais e de gênero (SOFAER-DEREVENSKI, 1997: 199), ainda que muitas vezes esses aprendizados não possam ser diretamente identificados nos vestígios materiais que temos do passado.

---

<sup>5</sup> É importante considerar, no entanto, a possibilidade de que crianças que tenham morrido de forma violenta talvez tenham recebido um tratamento mortuário distinto, de pouca visibilidade arqueológica. Além disso, é válido ressaltar também que nem todas as formas de violência física deixam evidências no esqueleto.

## ARQUITETURA MORTUÁRIA

Em termos da arquitetura mortuária das tumbas estudadas, todas as inumações infantis contam com uma cova, exceto duas encontradas em Wetwang Slack (WS2 idade: 2-6; WS3 idade: 2-3), depositadas na superfície, de modo condizente com uma fase de ocupação inicial do cemitério, marcada por enterramentos na superfície e covas rasas (DENT, 1984: 81). Das 54 tumbas infantis, apenas sete tinham uma estrutura de trincheira (quadrangular ou circular) escavada, a fim de delimitar e circunscrever a sepultura (CW.F, R95, R111 R185(b-c), WS25, WS74, WS443). Seria tentador julgar essas tumbas, desse modo, como mais elaboradas (e, conseqüentemente, mais importantes), mas essa associação seria equivocada, já que não há qualquer relação direta entre *status*/prestígio social/mobiliário funerário e a existência ou não de trincheiras delimitadoras. Além disso, a falta de trincheiras não necessariamente é evidência de sua ausência no passado, já que boa parte dessas estruturas foi destruída por outras de terraplanagem e pela ação do tempo.

A mesma lógica deve ser aplicada à presença ou não de montículos funerários. Em alguns casos, a ausência de montículos pode ser constatada com maior facilidade, como ocorre nos enterramentos secundários localizados em trincheiras, a exemplo da sepultura de uma criança de 7 anos encontrada em Rudston (R111) em uma cova escavada na trincheira de outro enterramento (R109) (STEAD, 1991). Em muitos outros casos, no entanto, é praticamente impossível determinar se as tumbas em questão tinham montículos funerários ou não, já que a esmagadora maioria desses montículos desapareceu por completo da paisagem<sup>6</sup>. Das 54 inumações infantis já mencionadas, sabemos, no entanto, que ao menos 16 delas foram cobertas por montículos, e esse fenômeno foi observado em diferentes cemitérios, a saber: Danes Graves, Cowlam, Burton Fleming, Rudston e Wetwang Slack (GREENWELL, 1865, 1906; MORTIMER, 1897, 1905; STEAD, 1991; DENT, 1984).

É preciso, aqui, fazer certa justiça aos antiquários e reconhecer sua contribuição para o estudo da morfologia dos montículos funerários. Apesar do material escavado no século XIX frequentemente gerar certa frustração acadêmica devido às técnicas empregadas naquela época e o caráter lacunar de boa parte dos achados, a inclusão de tal material ao debate fornece uma perspectiva enriquecedora sobretudo se combinada com os achados escavados a partir de técnicas modernas. Isso porque muitas dessas estruturas ainda estavam visíveis a olho nu durante o período Vitoriano, tendo sido, portanto, cuidadosamente registradas pelos indivíduos envolvidos nas primeiras escavações. Uma análise comparativa entre os sítios de Rudston, Burton Fleming (STEAD, 1991) e Danes Graves (GREENWELL, 1865, 1906; MORTIMER, 1897, 1905) revela que boa parte dos montículos encontrados em enterramentos infantis poderia variar de 5 a 10 metros de diâmetro. É importante ressaltar, ainda, que todas as tumbas de crianças escavadas antes do século XX continham uma elevação ainda visível e, em alguns casos, atingindo até mesmo mais de 1m de altura na época de sua escavação (GREENWELL, 1865: 108-112). Assim, acredito ser importante destacar que tanto tumbas infantis como adultas poderiam ser alvo de certa monumentalização e projeção de visibilidade, e que tal critério não parece ser necessariamente motivado por questões etárias.

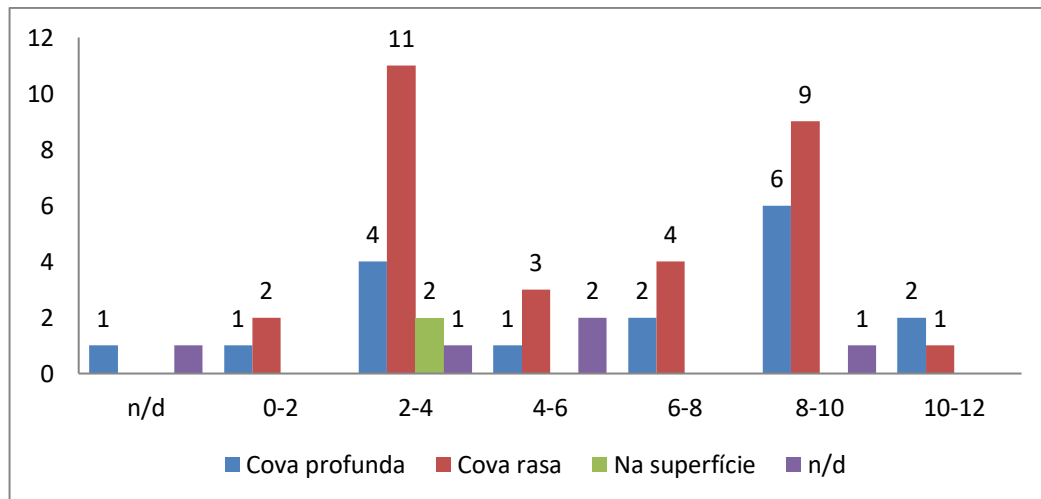
---

<sup>6</sup> Atualmente, a única exceção é a do cemitério de Scorbrough, um dos únicos locais onde montículos fúnebres (embora reduzidos consideravelmente em tamanho) podem, ainda, ser observados a olho nu no solo.

## COVAS

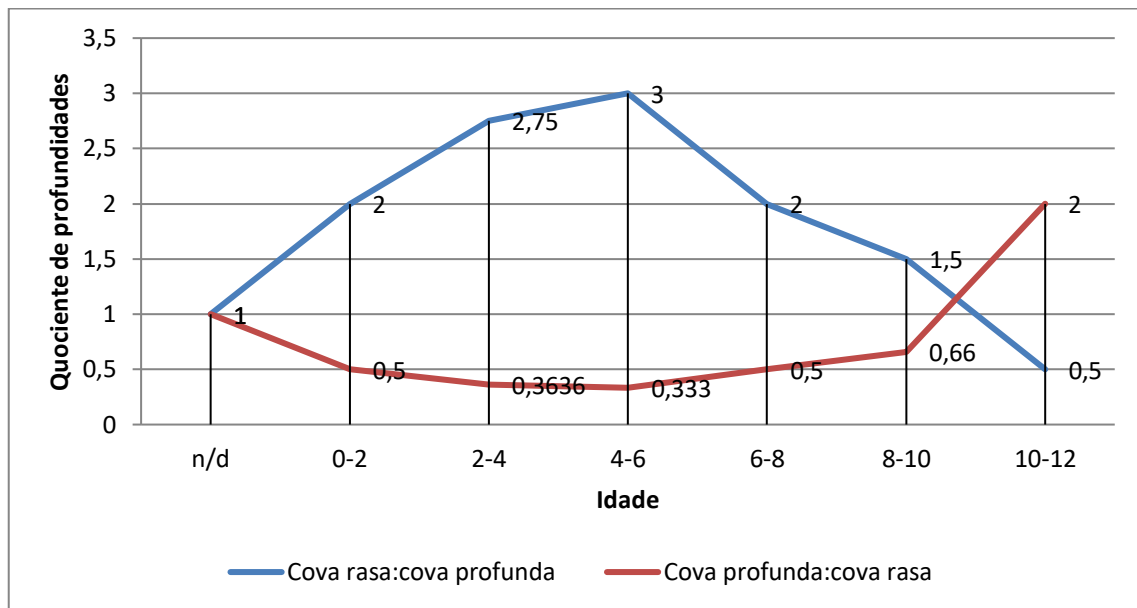
As covas são as partes mais bem documentadas e preservadas que compõem a estrutura mortuária, e elas nos indicam uma realidade um pouco mais complexa. Uma análise estatística simples revela-nos que a maioria (55%) de crianças encontradas nos cemitérios da Idade do Ferro em Yorkshire foi enterrada em covas rasas com profundidade inferior a 0.35m. O número é particularmente alto entre indivíduos enterrados com 2 a 4 anos de idade, como revelado a seguir:

**Gráfico 3** - Profundidade das covas infantis. (Covas rasas < 0.35m. Covas profundas > 0.35m.)



Vemos, aqui, como a inclusão do fator “idade” mostra-se fundamental para a complexificação do debate. Assim, ainda que a maior parte de sepulturas infantis seja caracterizada pela presença de covas rasas, deparamo-nos, no entanto, com uma realidade mais dinâmica. A partir de um exame cuidadoso dos dados apresentados, a pergunta que surge é: existiria alguma relação potencial entre a quantidade de covas rasas e covas profundas em determinadas idades? Um olhar descuidado concluiria que não, já que o número de covas rasas mostra-se sempre maior, se comparado aos demais, na maior parte dos grupos etários. No entanto demonstrarei o oposto.

Dentro de uma perspectiva relacional é possível observar como a progressão etária, nos enterramentos infantis, passa a influenciar a morfologia das covas encontradas em termos de profundidade. Em outras palavras, acredito que possamos identificar a existência de um padrão funerário que evidencia a relação entre a quantidade de determinadas covas com profundidades específicas e determinados grupos etários a partir de idades delimitadas. Apresento o resultado de tal investigação no gráfico a seguir:

**Gráfico 4** - Progressão relacional de covas rasas e profundas das inumações infantis.

Podemos observar, assim, uma análise de progressão e declividade relacional entre o fator “idade” e o “quociente de profundidade”, que corresponde, nesse caso, à relação proporcional de covas rasas e fundas. O resultado de tais relações é expresso a partir de duas linhas (representando a quantidade de cada tipo de cova em relação a sua oposta) em progressão e/ou declínio. Algumas constatações importantes podem ser feitas a partir daí.

O primeiro ponto a ser destacado é que há um crescimento significativo e uma preferência por se enterrar em covas rasas pessoas que tinham até 4-6 anos de idade. Embora pessoas com idades acima de 4-6 anos tenham sido enterradas em covas de tipo raso, a frequência de tais sepultamentos entra em um significativo declínio em relação às covas de tipo profundo. Já o segundo ponto, condizente com o primeiro, revela-nos que a partir de 4-6 anos e, sobretudo, de 6 anos em diante, há um crescimento na quantidade de indivíduos que passam a ser enterrados em covas mais profundas. Curiosamente, quanto mais velhas se tornam essas crianças, maiores são as chances de elas passarem a ser enterradas em covas fundas.

Tais constatações – ainda que aparentemente técnicas e matemáticas – são, no entanto, de grande importância para um debate social, histórico e crítico do passado. Como Parker Pearson (2002: 5) destaca, “o formato e a profundidade de covas podem estar relacionados ao *status* social ou gênero da pessoa enterrada”. Em se tratando dos estudos mortuários, a análise da profundidade de covas vem se mostrando de grande importância ao longo das últimas décadas. Ela tem sido amplamente incorporada e estudada, desde a década de 70-80, como fator de importância para cálculos de labor social e de dispêndio de energia, sobretudo, pela arqueologia processual e marxista (SAXE, 1971; SPRIGGS, 1984; LULL, 2000), mas, também, em outros estudos recentes diversos. Chapman (2014), ao analisar o sítio de Kisköre-Damm, que data do Neolítico húngaro, foi capaz de identificar que uma das formas frequentes de se expressarem diferenças pessoais e sociais em contextos mortuários poderia ser através da profundidade de covas (CHAPMAN, 2014: 183-5); Nelson (2016), igualmente, ao discutir os enterramentos do sítio de Dadianzi da Mongólia interior (c. 1600 a.C.), destaca que, ao lado do mobiliário funerário, a profundidade de covas era um dos principais fatores de distinção social (NELSON, 2016: 128-9). Esse tipo de análise tem

ocupado também local privilegiado no estudo da Idade do Ferro e no período romano-bretão nas Ilhas Britânicas (cf. WATTS, 2005: 22-4, 61-5), caracterizando-se, portanto, como um importante ponto a ser levado em consideração.

É preciso, no entanto, fazer um alerta. Em alguns casos, diferenças entre as profundidades de covas podem não ser um indicativo de distinções sociais, mas, sim, de mudanças no comportamento funerário ao longo do tempo, já que, por exemplo, a partir de determinado período, as covas tenderiam a seguir um modelo mais profundo ou raso (GOLDSTEIN, 1981: 56-7). Embora tais mudanças ocorram ao longo da Idade do Ferro, e esse pareça ser o caso em particular das dimensões espaciais de montículos – que diminuam em tamanho com o passar do tempo entre a Idade do Ferro Média e a Tardia – não acredito que seja o caso, aqui, em relação à profundidade das covas das crianças. Boa parte dos enterramentos infantis discutidos foram feitos em uma cronologia muito próxima ou em uma mesma geração (e.g., WS337 e WS339; WS373-374), revelando que tais diferenças não eram cronológicas. Sítios, ainda como os de Melton, que fornecem uma cronologia mais precisa, mostram, por sua vez, que mesmo na Idade do Ferro Inicial tais distinções etárias já poderiam se fazer presentes: em Melton as únicas inumações infantis encontradas em covas profundas eram as de indivíduos mais velhos (9-10 e 11-13 anos) e as demais crianças, com menos de 6 anos, foram todas, sem exceção, enterradas em covas rasas (FENTON-THOMAS, 2011).

Acredito, dessa maneira, que houvesse certa projeção identitária e etária nesse sentido. A documentação parece apontar para uma divisão interna no grupo “infantil”, entre indivíduos com menos e mais de 6 anos, aproximadamente. Tal diferenciação, observada em termos morfológicos, a partir da profundidade das covas, poderia ser tomada como um indício de uma etapa de transição da vida social: um momento no qual, graças a certos ritos de passagem, uma pessoa adquirisse uma posição ou identidade diferente daquela que tinha alguns anos antes. Apesar disso, quero ressaltar que não havia aí uma restrição absoluta: alguns indivíduos mais novos, por vezes, poderiam ser enterrados em covas mais profundas, do mesmo modo que nem sempre todos com mais de 6 anos foram enterrados em covas profundas (um fato conhecido inclusive para a população adulta). Não obstante, ainda assim, é possível observarmos certo padrão de deposição funerária e, curiosamente, esse padrão é marcado por uma distinção etária significativa, partindo-se de uma lógica relacional (profundidade–quantidade–idade).

Seria esse padrão apenas uma mera coincidência ou, talvez, o fruto de uma projeção moderna? Acredito que não. Tanto Chapman (2014) como Nelson (2016), citados acima, ao articularem a construção de diferenças sociais e a profundidade de covas em contextos funerários, chamaram a atenção para como artefatos eram também utilizados como uma plataforma de distinções, reforçando, muitas vezes, tais diferenças. A inclusão do mobiliário funerário no debate, aqui, nos permitirá, então, elaborar um olhar mais completo sobre tais projeções sociais.

## MOBILIÁRIO FUNERÁRIO

Apenas uma pequena parcela dos enterramentos infantis (6: 54) revelou conter artefatos. Yorkshire, apesar de ser considerada uma das regiões com maior diversidade de mobiliário funerário nas Ilhas Britânicas durante a Idade do Ferro, revela-nos muito pouco em se tratando de enterramentos infantis: um truísmo observável em termos numéricos tanto em relação à quantidade de tumbas com mobiliário funerário como também em termos da quantidade de artefatos encontrados em cada tumba.

Os achados mais comuns consistem em deposições de fragmentos de vasos de cerâmica. Esses fragmentos foram descobertos em todos os casos no preenchimento da cova, tal como evidenciado nos enterramentos infantis de Cowlam [CW.F] (STEAD,

1986), Rudston [R185] (STEAD, 1991) e, ainda, Melton [M2554] (FENTON-THOMAS, 2011). A cerâmica carenada<sup>7</sup> encontrada em Melton, que data de aproximadamente 500 a.C., indica-nos, ainda, certa tradição e continuidade no tocante à deposição de pedaços de cerâmica em túmbas de crianças em Yorkshire, prática esta que se mantém presente na região durante os séculos IV-II a.C., como os demais enterramentos atestam.

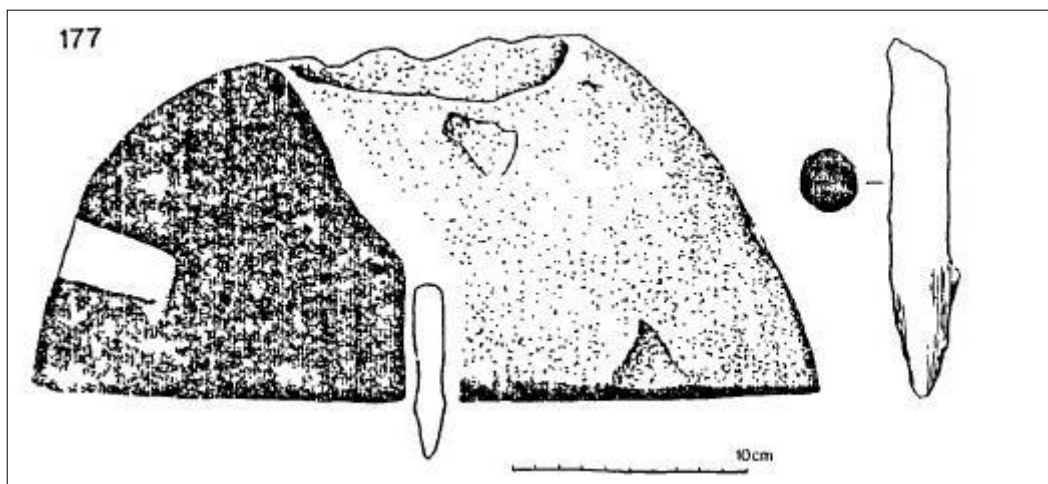
Os fragmentos encontrados são condizentes com um processo de destruição ritual, no qual os potes/vasos foram sistematicamente quebrados antes de serem depositados na cova. Essa é uma característica observável em diversos outros enterramentos e compartilhada com os adultos e, de fato, aproximadamente dois terços dos vasos de cerâmicas encontrados em Yorkshire, em contextos mortuários, foram destruídos antes da sua deposição (STEAD, 1991: 108–9). Essa destruição pode ser encarada como um ato auspicioso e de sinalização de abundância, status e ostentação por parte dos responsáveis por tal ritual (BRADLEY, 1982), ou, talvez, funcionasse como um ato metonímico no qual o corpo do vaso recebesse sua própria “morte” ritualizada de modo semelhante à pessoa enterrada, fazendo referência a um conjunto de metáforas religiosas particulares (GILES, 2000: 147).

Seja como for, o fato de tanto crianças como adultos terem sido enterrados com vasos de cerâmica destruídos é um ponto relevante. No entanto diferenças etárias em relação à deposição de mobiliário podem ser observadas. Se por um lado, em cemitérios como os de Burton Fleming e Rudston, cerca de 70% dos enterramentos adultos com cerâmicas revelam também outros artefatos depositados junto aos mortos na cova, como broches (STEAD, 1991: 109), o mesmo não pode ser observado no caso das túmbas infantis. De fato, apenas um enterramento infantil com fragmentos de cerâmica revelou outra categoria de objeto depositado em seu interior: o enterramento “F” de Cowlam, onde uma ponta da galhada de cervídeo foi encontrada junto ao jovem enterrado de 6-8 anos (STEAD, 1986). Pontas feitas de ossos trabalhados são, por vezes, encontradas em enterramentos masculinos e femininos. Há um consenso de que elas eram usadas como ferramentas, embora Giles (2012: 159–160) acredite que algumas dessas pontas encontradas em enterramentos masculinos fossem, na verdade, armas (pontas de lanças feitas a partir de ossada animal). No entanto esse dificilmente é o caso do enterramento de Cowlam, onde o achado correspondia apenas a uma pequenina ponta da galhada de um cervo – talvez, um totem ou amuleto, ou, ainda, uma ferramenta simples.

O enterramento encontrado em WS177 (um indivíduo de 8-10 anos) revelou também um artefato bastante particular: a pedra de uma mão de mó (340mm x 356mm, 154mm altura). Na Idade do Ferro, pedras do tipo eram utilizadas, majoritariamente, para a moagem de grãos e cereais através do atrito, impulsionado ao se girar uma manivela de madeira, até que os alimentos se reduzissem a farinha. Em Wetwang, particularmente, outras mãos de mó foram encontradas fora do cemitério, nos assentamentos e nas casas (DENT, 1984: 104–5; 111). A pedra encontrada na tumba em questão foi cuidadosamente depositada por inteiro na cova e, em seguida, a cabeça da criança morta apoiada em cima dela.

---

<sup>7</sup> A carena encontra-se abaixo do bordo (parte superior) do vaso e assinala uma mudança da direção do perfil do vaso, a partir de um ângulo de inflexão (MARTÍNEZ, 1992, p. 15).

**Figura 3** - Pedra de mó encontrada em WS177. Fonte: Dent, 1984.

Esse é o único achado de uma mó em contexto funerário na região. Logo, não é possível estimar se a função de moagem estava associada a determinado gênero ou grupo etário, já que se trata de um achado singular e não contamos com qualquer padrão de deposição identificável. Embora a presença de artefatos em tumbas seja altamente seletiva e simbólica, não obrigatoriamente espelhando a realidade social, parece-me plausível, no entanto, julgar que a deposição dessa pedra de mó no contexto discutido represente um esforço de construção de vínculos e biografias pessoais. A posição em destaque do artefato, logo abaixo da cabeça da criança morta, cria um vínculo (eternizado) entre a criança e a mó, representando um esforço de associações. Esse vínculo, cuidadosamente elaborado, e, portanto, repleto de intencionalidade, poderia ter se dado graças a um esforço de sinalização de uma identidade idealizada associada a uma série de fatores: talvez, representando determinado ofício (a moagem de grãos e o preparo de alimentos) no qual a criança havia se destacado ou contribuído em vida, ou que estava começando a aprender antes de morrer; talvez, a pedra representasse a família da criança e uma atividade familiar importante ou, ainda, poderia ser que se tratasse de uma metáfora material para um símbolo de fartura e alimento, e sua deposição na cova funcionasse assim como um símbolo de transição de estado entre matérias (do alimento concreto ao pó; da criança do mundo dos vivos para o mundo dos mortos). Jamais saberemos. Se estiver correta a projeção feita por Dent (1984: 84) de que o desgaste dentário observado em diversos esqueletos de Wetwang estava relacionado ao consumo de farinhas, acredito ser importante destacar que pelo menos um indivíduo subadulto foi enterrado junto a um artefato relacionado à produção de um alimento de grande relevância para a população do local.

Em apenas dois casos, um em Danes Graves (DG46a) e outro em Wetwang Slack (WS363), objetos de metais foram encontrados junto a crianças. Curiosamente, em ambos os casos, tratam-se de itens de adorno pessoal. Em Wetwang Slack, três pequeninas contas de bronze (13-14mm) foram encontradas abaixo do ombro esquerdo de um indivíduo de 8-10 anos, provavelmente como parte de um berloque, em um colar, ou talvez de um adereço capilar, como o uso de contas para adornar tranças no cabelo (GILES, 2012: 150).

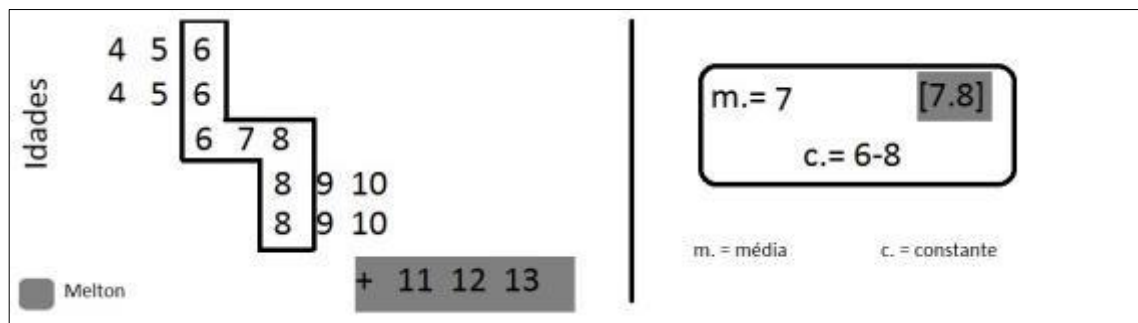
Já em Danes Graves, um bracelete feito inteiramente de ferro foi encontrado no antebraço direito do esqueleto de uma criança de 4-6 anos (MORTIMER, 1897: 4-5). O achado é particularmente interessante dentro de uma perspectiva comparada. Em Yorkshire, braceletes foram encontrados em 23 enterramentos escavados sob técnicas modernas, onde o sexo dos esqueletos pôde ser identificado. Esses objetos são

majoritariamente encontrados em tumbas femininas (83%), com a exceção de um único achado em Wetwang Slack, encontrado junto a um indivíduo do sexo masculino (WS160) e três outros casos nos quais não foi possível estabelecer o sexo dos mortos (BF61a, R2, R59). O bracelete encontrado em Danes Graves é, assim, o único item de mobiliário funerário infantil a sugerir uma conexão com possíveis atributos de gênero. Nenhuma outra criança foi sepultada junta a qualquer objeto que expresse gênero, e, em face de tal ausência, acredito que seja válido, ao menos teoricamente, imaginar que crianças possuíssem uma identidade de gênero distinta daquela dos adultos.

Se a hipótese levantada por Giles (2000: 143; 2012: 142) estiver correta, de que braceletes eram objetos, majoritariamente, relacionados a um universo de gênero feminino, seria tentador, então, considerar que a sua presença pudesse indicar, pelo menos no caso da criança enterrada em DG46a, que a pessoa ali sepultada tivesse sido enterrada com atributos de gênero femininos e que, muito provavelmente, se tratasse de uma menina. No entanto tais associações são impossíveis de serem verificadas à luz dos dados disponíveis, e não é a minha intenção aqui especular. Acredito que o ponto mais importante seja o de que, ainda que em casos limitados, indivíduos do grupo subadulto, por vezes, poderiam ser enterrados acompanhados por objetos de adorno e de adereço pessoal tal qual os adultos, havendo uma semelhança (estética) construída nesse sentido.

Mas e quanto à relação entre idade e mobiliário funerário? De modo semelhante à discussão elaborada a respeito da profundidade das covas infantis, acredito que um olhar cuidadoso do material disponível possa nos oferecer algumas pistas interessantes sobre certos elementos etários recorrentes. Ao listar individualmente cada um dos enterramentos infantis que conta com mobiliário funerário e, em seguida, traçar uma comparação interna tendo em mente as idades específicas dos indivíduos enterrados, um curioso cenário de deposição pode ser observado. A relação a seguir representa um esforço de síntese analítica nesse sentido.

**Gráfico 5** - Média etária de tumbas infantis com mobiliário funerário.



É possível verificar, assim, que a idade média dos indivíduos enterrados com artefatos corresponde à de 7 anos. Não obstante, em termos de frequência e tendo-se em mente a margem de variabilidade etária de cada ossada (e.g. 4-6 anos, 8-10 anos, etc.), os valores mais recorrentes indicam uma preponderância entre as idades de 6 a 8 anos. Essa observação, feita exclusivamente com base no material osteológico e a ocorrência de mobiliário funerário, dialoga perfeitamente com outras características já observadas anteriormente, reforçando, assim, que algumas distinções parecem ter sido feitas entre indivíduos com mais e menos de 6 anos aproximadamente, em especial em termos da profundidade de suas covas e da presença de artefatos em seu interior.

## POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de seu caráter, por vezes, lacunar, dispomos de uma quantidade significativa de tumbas para o estudo de grupos infantis durante a Idade do Ferro bretã. As evidências, entretanto, devem ser analisadas criticamente, já que a quantidade de enterramentos subadultos disponíveis não reflete a taxa de mortalidade infantil do período. Em boa parte, os números reduzidos observados se explicam a partir de fatores arqueológicos múltiplos, como a fragilidade dos remanescentes humanos infantis e a possibilidade de muitas inumações do tipo terem sido destruídas ao longo dos séculos, quando depositadas dentro de montículos funerários.

Por outro lado, é importante contemplar, ao menos teoricamente, que o número reduzido de sepulturas infantis possa, também, ser o resultado de um processo seletivo no passado, quando apenas algumas crianças seriam consideradas importantes o suficiente a ponto de ocuparem uma cova no cemitério onde seus pais e familiares haviam sido enterrados. No entanto tal ideia não pode ser verificada em termos materiais e não há nenhum indício de exclusão rígida ou absoluta em termos etários nos cemitérios estudados (por exemplo, no caso de indivíduos de determinada idade nunca serem encontrados ou, mesmo, receberem um tratamento distinto, como a cremação). Ainda temos muito a aprender. Escavações realizadas em outros cemitérios da Idade do Ferro nos mostram como, às vezes, nossa visão sobre o passado pode mudar completamente graças a novos achados: na França, por exemplo, crianças costumavam ser consideradas amplamente sub-representadas em contextos mortuários na Idade do Ferro até a escavação do cemitério de Bobigny, Hôpital Avicenne, onde um grande número desses enterramentos resistiu ao tempo e revelou um quadro bem mais complexo do que até então se imaginava (ANTHOONS, 2011: 184).

Em Yorkshire, embora algumas distinções existissem dentro do grupo infantil, nenhuma diferenciação etária visível era projetada com base na orientação dos corpos enterrados ou no tratamento dado aos cadáveres. É possível observarmos uma ausência de diferenças em certos níveis até mesmo em relação à população adulta, nesse sentido. Além de haver um compartilhamento entre adultos e crianças no tocante às posições e orientações dos cadáveres, o simples fato de crianças terem sido inumadas e depositadas nos mesmos cemitérios que seus familiares adultos já é um dado, por si só, de enorme relevância social. Isso porque cemitérios no continente apresentam, por vezes, distinções etárias mais rígidas. Casos como os de Wederath e Mory-Montcrux revelam diferenças de tratamentos funerários, já que, por um lado, crianças foram inumadas, enquanto os adultos, por sua vez, foram cremados; além disso, em alguns cemitérios da Idade do Ferro Tardia e do período galo-romano, como é o caso de Soumessous, La Côte d'Orgeval, crianças costumavam, ainda, ser enterradas em áreas separadas às dos adultos, marcando uma segregação espacial (ANTHOONS, 2011: 100). Acredito, dessa maneira, que a presença de tumbas infantis nos mesmos lugares (ou nas mesmas covas, por vezes) que a de adultos indique certa tradição regional em Yorkshire de se encararem crianças como membros constituintes da comunidade (ainda que com um papel ou posição distinta dos adultos).

É possível observar que a morte de crianças era profundamente sentida. Filhos, primos, irmãos, sobrinhos, netos, fossem eles biológicos ou não, em última instância, foram cuidadosamente sepultados em posturas, orientações e tumbas no mesmo estilo das demais inumações encontradas na região. Não obstante, eles foram enterrados também nos mesmos cemitérios que seus familiares adultos – um fato conhecido tanto para os mais jovens (*e.g.* 2-4 anos de idade) como para os mais velhos (*e.g.* 8-12 anos). Diferenças, contudo, existiam.

É possível observar um padrão consistente de distinções que ocorriam ao redor da idade de 6 anos, aproximadamente, tanto em termos de deposição de mobiliário fúnebre como da profundidade das covas encontradas. Talvez a própria noção de “infância”, se é que ela existia durante a Idade do Ferro em Yorkshire, se estendesse apenas até essa idade. Isso dialogaria com a visão de que, na pré-história, a infância era bem mais curta, já que a própria duração da vida das pessoas era também significativamente menor (DOMMASNES, 2008: xiii). No entanto não há como saber. Seja como for, o ponto importante que quero destacar aqui é o de que tal período da vida infantil era considerado como um momento importante de transição. Embora a arqueologia da infância seja uma área desafiadora, dispomos de dados sugestivos o suficiente que nos fornecem valiosas pistas sobre tais distinções etárias entre as inumações discutidas.

De acordo com uma perspectiva social, acredito que uma possível explicação para tais diferenciações etárias esteja relacionada à ritualização de determinados fenômenos naturais e biológicos que passam a adquirir uma simbologia e conotação social relevante para as comunidades que os praticam. Esse é um mecanismo comum a todas as sociedades da Antiguidade e a várias sociedades de pequena e média escala, sobretudo comunidades rurais e pastoris, nas quais o principal parâmetro de explicação do mundo não está baseado no modelo hipotético-científico-ocidental. Trata-se, portanto, de um mecanismo explicativo distinto para a realidade. Ou seja, a observação e apreensão do mundo real físico, possibilita, por sua vez, que o mundo passe a ser incorporado, interpretado e traduzido para uma linguagem fluída da vida social, nas mais variadas formas (narrativas mitológicas e mitos explicativos, prescrições religiosas, ritos de iniciação, tabus etc.).

Diversos estudos da área biomotora e médica, realizados a partir de testes em crianças e adolescentes em diferentes regiões do mundo, durante momentos distintos e com indivíduos pertencentes a grupos socioeconômicos variados (e com nutrições e dietas distintas), indicam, em todos os casos, que há um período biológico de transição (física) entre as idades de 6-8 anos, marcado por um crescimento e desenvolvimento de força, velocidade e desempenho motor (MALINA *et al.*, 2004; VIRU *et al.*, 1998). Essa faixa etária é caracterizada como um período de aquisição e consolidação de capacidades biomotoras – uma idade marcada pelo aumento e melhoria de performances físicas. No corpo humano, um crescimento em níveis semelhantes só poderá ser observado, posteriormente, na “adolescência”, ao redor de 13-16 anos (VIRU *et al.*, 1998).

Curiosamente esse grupo etário, de aproximadamente 6 a 8 anos, caracterizado por um desenvolvimento físico significativo, corresponde à mesma idade na Idade do Ferro em Yorkshire, a partir da qual crianças foram enterradas com artefatos e passaram a ter covas sistematicamente cada vez mais profundas. Acredito que não se trate, portanto, de uma mera coincidência. Em uma comunidade marcada por uma vida ativa de extenuantes esforços físicos – como pressupõem as atividades de plantio e colheita, pastoreio, moagem de grãos, longas caminhadas entre núcleos habitacionais, a realização de serviços manuais (vinculados à mineração ou carpintaria), a constante obtenção de matérias-primas em reservas naturais (como água e madeira), apenas para citar alguns –, todos esses fatores levam a crer que ser dotado de determinada constituição física e ser capaz de desempenhar determinadas funções representava um critério de diferenciação socioetária importante para indivíduos jovens (Cf. LANCY, 2015: 63–6). Em Yorkshire, o local ocupado por um indivíduo na sociedade, bem como seu reconhecimento social, era algo a ser conquistado ao longo da vida através de ritos de passagem e de demonstrações de aptidões e méritos (GILES, 2012). Esse é um ponto crucial para entendermos as tumbas que temos como um todo, nessa região, e não apenas os enterramentos infantis.

Cemitérios encontrados na França, semelhantes aos aqui discutidos, nos revelam uma realidade distinta. No continente, durante a Idade do Ferro, crianças foram enterradas em alguns casos, como em Bobigny, com uma quantidade de cerâmica e de objetos de adornos comparável à dos adultos (MARION *et al*, 2008). Não obstante, sítios como os de Hordain e Bouqueval revelaram enterramentos infantis com carros (GINOUX *et al*, 2009; GUADAGNIN, 1978). Além disso, tumbas infantis como a de Vrigny (n.25), “Le Mont de Vannes”, continham não apenas objetos de adereço, mas ainda armamentos (como pontas de lanças), depositados junto às crianças, de modo análogo ao observado nas tumbas adultas (BELARD, 2014: 235). Para Brunaux (2005: 265), tais fenômenos marcariam uma atitude adotada por famílias abastadas de utilizar suas crianças como um veículo de ostentação e uma moeda de troca: a riqueza material encontrada em um enterramento infantil seria, pois, o reflexo da posição social das crianças de determinadas famílias na sociedade e, em última instância, uma representação do poder de tais famílias. É possível ainda que essas tumbas estivessem relacionadas à constituição de linhagens e afiliações, em que vínculos de parentesco e herança eram, desde muito cedo, já projetados e reconhecidos em relação a crianças. O melhor ponto de partida em termos comparativos que temos em relação a esse fenômeno pode ser encontrado nos cemitérios anglo-saxões e nas tumbas das ditas “crianças guerreiras”.

Um levante sistemático feito em diferentes enterramentos anglo-saxões na Inglaterra dos séculos V-VII d.C. revela-nos que não apenas uma quantidade significativa de indivíduos não adultos (neonatos, lactentes, crianças) eram enterrados, como também havia uma grande deposição de armas em contextos mortuários em geral nos cemitérios do período (GILCHRIST, 1997: 47; HÄRKE, 1992, 2003; STOODLEY, 2000). Ainda que em número reduzido, armamentos costumam ser encontrados em tumbas infantis: dos mais de 380 enterramentos infantis identificados por Härke (1992: 182–3), 60 deles contavam com armas. Quão mais velho o indivíduo, maior a quantidade de artefatos, em linhas gerais. Estudos subsequentes, como o de Stoodley (2000), em outros cemitérios durante o mesmo período, revelaram depósitos semelhantes, com armas sendo encontradas junto a subadultos de diferentes idades, inclusive, em um caso, junto a um bebê de apenas 1 ano de idade (STOODLEY, 2000: 461). Apesar das especificidades de cada sítio e das variações espaço-temporais, fica claro que tais deposições eram altamente simbólicas, muito mais do que um reflexo de uma real função guerreira desempenhada pelo morto sepultado – elas dizem respeito, portanto, a um universo e um *ethos* marcial idealizado<sup>8</sup>. Encontramo-nos, assim, no caso anglo-saxão, em um contexto social no qual as afiliações de parentesco e a posição social que um determinado indivíduo (ou grupo familiar) ocupa na sociedade são questões fundamentais, para que um filho (dado seu *status* como legítimo) seja preparado e já considerado digno, desde seus primeiros anos, a ostentar insígnias de prestígio e poder, de acordo com um *ethos* marcial idealizado e eternizado na morte.

Em Yorkshire, durante a Idade do Ferro, deparamo-nos com uma realidade oposta. É preciso reconhecer que distinções nítidas eram criadas entre indivíduos baseadas em atributos etários: um truísmo observável não apenas em relação à população infantil, mas também às tumbas adultas e aos cuidados particularmente direcionados a indivíduos que atingiram idades sêniores (GILES, 2012; PEIXOTO, 2018). O fato de apenas a partir de determinadas idades indivíduos passarem a contar, por exemplo, com artefatos depositados em suas sepulturas é algo revelador nesse sentido. Gostaria de acrescentar

---

<sup>8</sup> Conferir, em especial, a crítica de Collis (2011: 223) sobre a necessidade de um entendimento mais crítico e simbólico da deposição de armas em contextos funerários para a Idade do Ferro.

ainda que nenhuma tumba infantil até os dias atuais revelou a deposição de ossadas de porcos ou ovelhas, uma prática característica da região, o que reforça novamente uma série de distinções etárias entre os indivíduos enterrados. Talvez houvesse, até mesmo, uma proibição de se ofertar comida ou promoverem banquetes a não adultos em morte (GILES, 2000: 149). Do mesmo modo, salvo um bracelete encontrado em Danes Graves, nenhuma das mais de 50 crianças encontradas em Yorkshire foi enterrada com qualquer artefato associado a um gênero específico, e é possível que as crianças tivessem uma identidade de gênero distinta até determinada idade.

Estamos, assim, diante de um cenário complexo. Por um lado, crianças não estavam excluídas em sua totalidade dos rituais funerários e temos um conjunto (ainda que reduzido) de evidências suficientes para o seu estudo em contextos mortuários. Por outro lado, é possível identificarmos determinadas atitudes particulares sobre atributos etários e sua relação com o reconhecimento social, na qual indivíduos deveriam conquistar determinadas identidades ao longo de suas vidas. Tal cenário reforça a ideia de uma sociedade em que as características que distinguem uma pessoa e a identificam não eram automaticamente garantidas apenas através do sangue, berço ou pertencimento a determinado grupo social.

Apesar de seu caráter aparentemente lacunar, começamos a aprender, assim, que os enterramentos infantis nos revelam muito mais do que por vezes esperamos. Eles nos fornecem pistas não só apenas em relação às crianças enterradas, mas também às atitudes face à morte e às tensões, dinâmicas, valores e projeções identitárias construídas por diferentes comunidades em contextos funerários. Se, ainda hoje, as crianças são tidas quase como invisíveis em contextos materiais do passado, a Idade do Ferro em Yorkshire, ao menos, nos oferece uma perspectiva animadora e nos lembra de que é preciso nos curarmos, o quanto antes, de tal cegueira intelectual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGARWAL, A., A. SHAHARYAR., A. KUMAR., M.S. BHAT. & M. MISHRA. 2015. Scurvy in pediatric age group – A disease often forgotten? *Journal of Clinical Orthopaedics and Trauma* 6: 101–7.
- ALDHOUSE-GREEN, M.J. 1996. *The Celtic world*. London; New York: Routledge.
- ANTHOONS, G. 2011. Migration and elite networks as modes of cultural exchange in Iron Age Europe: a case study of contacts between the continent and the Arras culture. Ph.D. Thesis, Bangor: Bangor University.
- ARIÈS, P. 1981. *Historia social da criança e da família*. São Paulo: Zahar Editores.
- ARMIT, I. 2012. Headhunting and Social Power in Iron Age Europe, in T. MOORE & X.-L. ARMADA (ed.) *Atlantic Europe in the First Millennium BC: 590–607*. Oxford: Oxford University Press.
- ARMIT, I., R. SCHULTING., C.J. KNÜSEL. & I.A.G. SHEPHERD. 2011. Death, Decapitation and Display? The Bronze and Iron Age Human Remains from the Sculptor's Cave, Covesea, North-east Scotland *Proceedings of the Prehistoric Society* 77: 251–78.
- BAXTER, J. E. 2005. *The Archaeology of Childhood: Children, Gender, and Material Culture*. Lanham: AltaMira Press.
- BAXTER, J. E. 2008. The Archaeology of Childhood *Annual Review of Anthropology* 37: 159–75.
- BELARD, C. 2014. Les femmes en Champagne pendant l'âge du Fer (dernier tiers VIe- IIIe siècle av. J.-C.) et la notion de genre en archéologie funéraire. (Tese de Doutorado), Paris: Ecole Pratique des Hautes Etudes.
- BIDEAU, A., B. DESJARDINS. & H. PÉREZ BRIGNOLI. 1997. *Infant and child mortality in the past*. Oxford; New York: Clarendon Press ; Oxford University Press.
- BRADLEY, R. 1982. The destruction of wealth in later prehistory *Man* 17: 108–22.
- BRADLEY, R. 2007. *The prehistory of Britain and Ireland*. Cambridge; New York: Cambridge University Press.
- BREWSTER, T.C.M. 1980. *The excavation of Garton & Wetwang Slacks*. Malton: East Riding Archaeological Research Committee.
- BRUNAUX, J.-L. 2005. *Les Gaulois*. Paris: Belles lettres.
- CAFFELL, A. & M. HOLST. 2011. Osteological Analysis, in C. Fenton-Thomas *Where sky and Yorkshire and water meet: the story of the Melton landscape from prehistory to the present*: 498–562. York: On-Site Archaeology Ltd.
- CHADWICK, N.K. 1997. *The Celts*. London: Penguin.
- CHAMPION, T. 1996. Power, politics and status, in M.J. Aldhouse-Green *The Celtic world*: 85–94. London; New York: Routledge.
- CHAPMAN, J. 2014. Tension at funerals: social practices and the subversion of community structure in later Hungarian prehistory, in J.E. ROBB & M.-A. DOBRES (ed.) *Agency in archaeology*: 165–95. London: Routledge.
- COHEN, A. 2007. Introduction: Childhood between Past and Present *Hesperia Supplements* 41: 1–22.
- COLLIS, J. 2011. 'Reconstructing Iron Age Society' Revisited, in T. MOORE & X.-L. ARMADA (ed.) *Atlantic Europe in the First Millennium BC*: 223–41. Oxford: Oxford University Press.
- COŞKUNSU, G. 2016a. *Archaeology of Childhood: Interdisciplinary Perspectives on an Archaeological Enigma*. New York: State University of New York Press.

- COŞKUNSU, G. 2016b. Introduction: Children as Archaeological Enigma, in G. COŞKUNSU *Archaeology of Childhood: Interdisciplinary Perspectives on an Archaeological Enigma.*: 1–18. New York: State University of New York Press.
- CUNLIFFE, B. 1997. *The ancient Celts*. Oxford; New York: Oxford University Press.
- CUNLIFFE, B. 2001. *The Oxford illustrated prehistory of Europe*. Oxford: Oxford University Press.
- CUNLIFFE, B. 2003. *The Celts: a very short introduction*. Oxford; New York: Oxford University Press.
- CUNLIFFE, B. 2013. *Britain Begins*. Oxford: Oxford University Press.
- CUNLIFFE, B. & J.T. KOCH. 2012. *Celtic from the West: alternative perspectives from archaeology, genetics, language and literature*. Oxford: Oxbow.
- DENT, J.S. 1984. Wetwang Slack: an Iron Age cemetery on the Yorkshire Wolds. M.A. Thesis, Sheffield: University of Sheffield.
- DOMMASNES, L.H. 2008. Introduction: the past-worlds of children and for children?, in *Children, identity and the past*: xi–xxx. Newcastle: Cambridge Scholars.
- FENTON-THOMAS, C. 2011. *Where sky and Yorkshire and water meet: the story of the Melton landscape from prehistory to the present*. York: On-Site Archaeology Ltd.
- GILCHRIST, R. 1997. Ambivalent Bodies: Gender and Medieval Archaeology, in J. MOORE & E. SCOTT (ed.) *Invisible people and processes: writing gender and childhood into European archaeology.*: 42–58. London ; New York: Leicester University Press.
- GILES, M. 2000. ‘Open-weave, close-knit’: archaeologies of identity in the later prehistoric landscape of East Yorkshire. Vol. 1. Ph.D. Thesis, Sheffield: University of Sheffield.
- GILES, M. 2012. *A forged glamour: landscape, identity and material culture in the Iron Age*. Bollington: Windgather.
- GINOUX, N., C. SEVERIN. & G. LEMAN-DELERIVE. 2009. Le dépôt de pièces de char dans les tombes de Gaule Belgique entre e IIIe et le Ier siècle avant J.-C. *Revue archéologique de Picardie* 3: 211–22.
- GOLDEN, M. 2015. *Children and childhood in classical Athens*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- GOLDSTEIN, L. 1981. One-dimensional archaeology and multi-dimensional people: spatial organisation and mortuary analysis, in R. CHAPMAN, I. KINNES, & K. RANDSBORG (ed.) *The Archaeology of death*: 53–70. Cambridge: Cambridge University Press.
- GREENWELL, W. 1865. Notices of the Examination of Ancient Grave-Hills in the North Riding of Yorkshire *Archaeological Journal* 22: 97–117; 241–63.
- GREENWELL, W. 1906. *Early Iron Age Burials in Yorkshire*. Westminster: Society of Antiquaries.
- GUADAGNIN, R. 1978. La nécropole celtique de Bouqueval *Bulletin de la Jeunesse Préhistorique et géologique de France* 8: 12–65.
- HARDING, D.W. 2016. *Death and burial in Iron Age Britain*. Oxford: Oxford University Press.
- HÄRKE, H. 1992. ‘Changing symbols in a changing society: the Anglo-Saxon weapon burial rite in the seventh century’ [in] *The Age of Sutton Hoo: The Seventh Century in North-Western Europe*, in M.O.H. CARVER (ed.) *The Age of Sutton Hoo: The Seventh Century in North-Western Europe*: 149–65. Woodbridge, Suffolk, UK: Boydell Press.
- HÄRKE, H. 2003. Early Anglo-Saxon Social Structure, in J. HINES (ed.) *The Anglo-Saxons from the migration period to the eighth century: an ethnographic perspective*: 125–59. Woodbridge: Boydell.
- HIRSCHFELD, L. A. 2002. Why Don’t Anthropologists Like Children? *American Anthropologist* 104: 611–27.

- HÓGÁIN, D.Ó. 2002. *The Celts: A History*. Woodbridge: Boydell Press.
- HOLCK, P. 1995. Why are small children so seldom found in cremations?, in *Cremation studies in archaeology - Conference*: 33–38. Amsterdam: Logos Edizione.
- HUBERT, H. 2013. *The rise of the Celts*. London ; New York: Routledge.
- JAMES, S. 1999. *The Atlantic Celts: ancient people or modern invention?* Madison: University of Wisconsin Press.
- JAMES, S. 2005. *Exploring the world of the Celts*. London: Thames & Hudson.
- JAY, M., B.T. FULLER., M.P. RICHARDS., C.J. KNÜSEL. & S.S. KING. 2008. Iron Age breastfeeding practices in Britain: Isotopic evidence from Wetwang Slack, East Yorkshire *American Journal of Physical Anthropology* 136: 327–37.
- JAY, M., C. HASELGROVE., D. HAMILTON., J.D. HILL. & J. DENT. 2012. Chariots and context: new radiocarbon dates from Wetwang and the chronology of Iron Age burials and brooches in East Yorkshire. *Oxford journal of archaeology*. 31: 161–89.
- JAY, M. & M.P. RICHARDS. 2006. Diet in the Iron Age cemetery population at Wetwang Slack, East Yorkshire, UK: carbon and nitrogen stable isotope evidence *Journal of Archaeological Science* 33: 653–62.
- JAY, M. & M.P. RICHARDS. 2007. British Iron Age diet: stable isotopes and other evidence. *Proceedings of the Prehistoric Society*. 73: 169–90.
- JEREM, E. 1996. Celts of eastern Europe, in M.J. ALDHOUSE-GREEN *The Celtic world*: 581–602. London; New York: Routledge.
- KAMP, K.A. 2001. Where Have All the Children Gone?: The Archaeology of Childhood *Journal of Archaeological Method and Theory* 8: 1–34.
- KING, S.S. 2010a. A Call to Arms: reinvestigating warfare and violence in the Iron Age of Britain, in M. STERRY, A. TULLETT, & N. RAY (ed.) *In search of the Iron Age: proceedings of the Iron Age Research Student Seminar 2008, University of Leicester*: 185–98. Leicester: University of Leicester School of Archaeology and Ancient History.
- KING, S.S. 2010b. What makes war?: assessing Iron Age warfare through mortuary behaviour and osteological patterns of violence. Ph.D. Thesis, Bradford: University of Bradford.
- KRUTA, V. 1989. *Os celtas*. São Paulo: Martin Fontes.
- LANCY, D.F. 2015. *The anthropology of childhood: cherubs, chattel, changelings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LE ROUX, F. & C.J. GUYONVARCH. 1999. *A civilização celta*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- LEWIS, M.E. 2007. *The bioarchaeology of children: perspectives from biological and forensic anthropology*. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press.
- LILLEHAMMER, G. 1989. A child is born. The child's world in an archaeological perspective *Norwegian Archaeological Review* 22: 89–105.
- LLOYD-MORGAN, G. 1996. Appearance, life and leisure., in M.J. ALDHOUSE-GREEN *The Celtic world*: 95–120. London; New York: Routledge.
- LULL, V. 2000. Death and society: a Marxist approach *Antiquity* 74: 576–80.
- MAIER, B. 2003. *The Celts: A History from Earliest Times to the Present*. Indiana: University of Notre Dame Press.
- MALINA, R.M., O. BAR-OR. & C. BOUCHARD. 2004. *Growth, maturation, and physical activity*. Champaign, Ill.: Human Kinetics.

- MARION, S., Y. LE BECHENNEC. & C. LE FORESTIER. 2008. Nécropole et bourgade d'artisans: l'évolution des sites de Bobigny (Seine-Saint-Denis), entre La Tène B et La Tène D *racf Revue archéologique du centre de la France*.
- MARTÍNEZ, C.M.H. Y. 1992. Glosario terminológico para el estudio de cerámicas arqueológicas. *Revista Española de Antropología Americana* 22: 9–34.
- MAYS, S. 2010. *The archaeology of human bones*. London; New York: Routledge.
- MEGAW, J.V.S. & D.D.A. SIMPSON. 1979. *Introduction to British prehistory: from the arrival of Homo sapiens to the Claudian invasion*. Leicester [England: Leicester University Press.
- MILLETT, M. & R. GOWLAND. 2015. Infant and Child Burial Rites in Roman Britain: a Study from East Yorkshire *Britannia* 46: 171–89.
- MORTIMER, J.R. 1897. A Summary of What is Known of the so-called “ Danes’ Graves,” near Driffeld *Proceedings of the Yorkshire Geological and Polytechnic Society* 13: 286–98.
- MORTIMER, J.R. 1905. *Forty years’ researches in British and Saxon burial mounds of East Yorkshire, including Romano-British discoveries, and a description of the ancient entrenchments of a section of the Yorkshire wolds*. London: A. Brown and Sons.
- NELSON, S.M. 2016. *Shamans, queens, and figurines: the development of gender archaeology*. Walnut Creek, California: Left Coast Press, Inc.
- PARKER PEARSON, M. 2002. *The archaeology of death and burial*. College Station, TX: Texas A & M Univ. Press.
- PEIXOTO, P.V. DA S. 2018. *As várias faces da morte: uma análise das diferenças sociais construídas em cemitérios do norte bretão (séc. V-I a.C.)*. Tese de Doutorado, Niterói: Universidade Federal Fluminense.
- PIGGOTT, S. 1970. *Ancient Europe from the beginnings of agriculture to classical antiquity: a survey*. New York: Aldine Pub. Co.
- POWELL, T.G.E. 2000. *The Celts*. London: Thames and Hudson.
- RANKIN, D. 1996. The Celts through classical eyes., in M.J. ALDHOUSE-GREEN *The Celtic world*: 21–33. London; New York: Routledge.
- SAXE, A.A. 1971. Social Dimensions of Mortuary Practices in a Mesolithic Population from Wadi Halfa, Sudan *Memoirs of the Society for American Archaeology*: 39–57.
- SOFAER-DEREVENSKI, J. 1994. *Perspectives on children and childhood*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SOFAER-DEREVENSKI, J. 1997. Engendering Children, Engendering Archaeology., in J. MOORE & E. SCOTT (ed.) *Invisible people and processes: writing gender and childhood into European archaeology*: 192–202. London ; New York: Leicester University Press.
- SOFAER-DEREVENSKI, J. 2000. *Children and material culture*. New York: Routledge.
- SPRIGGS, M. 1984. *Marxist perspectives in archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- STEAD, I.M. 1979. *The Arras culture*. York: Yorkshire Philosophical Society.
- STEAD, I.M. 1986. A group of Iron Age barrows at Cowlam, North Humberside, Yorkshire *Archaeological Journal* 58: 5–15.
- STEAD, I.M. 1991. *Iron Age cemeteries in East Yorkshire: excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn*. London: British Museum Press.
- STOODLEY, N. 2000. From the Cradle to the Grave: Age Organization and the Early Anglo-Saxon Burial Rite *World Archaeology* 31: 456–72.
- TIBBETTS, B. 2008. Infant burials in iron age Britain, in K. BŮCHVAROV (ed.) *Babies reborn: infant/child burials in pre- and protohistory*: 189–94. Oxford: Archaeopress.

- VIRU, A., J. LOKO., A. VOLVER., L. LAANEOTS., K. KARELSON. & M. VIRU. 1998. Age periods of accelerated improvement of muscle strength, power, speed and endurance in the age interval 6 - 18 years *Biology of Sport* 15: 211-28.
- WAIT, G. 1996. Burial and the Otherworld, in M.J. Aldhouse-Green *The Celtic world*: 489-511. London; New York: Routledge.
- WATTS, D. 2005. *Boudicca's heirs: women in early Britain*. London; New York: Routledge.
- WELLS, P.S. 2001. *Beyond Celts, Germans and Scythians: archaeology and identity in Iron Age Europe*. London: Duckworth.
- WHIMSTER, R. 1981. *Burial practices in Iron Age Britain (2 Vols.)*. Oxford: British Archaeological Reports.